

O ano de 2020 foi profundamente marcado pela pandemia da Covid-19, doença à qual a maioria das pessoas foi exposta em todos os países e que, além de causar inúmeras hospitalizações e mortes, exigiu adaptação à estranheza do isolamento social e eclodiu com mudanças no modo de vida e de comunicação, como o incremento do uso da chamada via on-line e com o desencadeamento de uma crise econômico-política em nosso país, além de prováveis outras consequências ainda desconhecidas atualmente.

Esse evento epidemiológico atraiu muita atenção, afetando praticamente todas as atividades humanas devido à necessidade de somar esforços para combater, tentar controlar e dirimir sua magnitude. Tais repercussões naturalmente também chegaram à Reverie, de tal modo que a presente edição vem com modificações em sua estrutura em relação às anteriores, especialmente na organização dos artigos em seções e nos formatos dos artigos apresentados.

Na primeira parte do volume que ora se apresenta, “A escuta psicanalítica – uma intervenção na pandemia”, encontram-se artigos escritos a partir da experiência de alguns integrantes da SPFOR em fazer atendimentos por telefone às pessoas que, sob o impacto psíquico do confinamento, procuraram ser ouvidas de acordo com a proposta de intervenção oferecida à comunidade, denominada “Escuta solidária em tempos de pandemia de Covid-19 e isolamento social”. Essa intervenção foi idealizada e posta em prática pela diretora da Clínica Social da SPFOR, Tereza Monica Barreto Bastos, e sua equipe, composta por Erbon Elbsocaierbe, Helder Pinheiro, Marcela Ranier e Margareth Carneiro e contou com a participação de vários membros e candidatos da SPFOR.

No primeiro artigo, “Psicanálise e a prática da solidariedade em tempos de pandemia e isolamento social”, Tereza Monica conta como se deu essa intervenção, informa a fundamentação teórica na qual se apoiou e se inspirou e relata sua própria experiência em fazer os atendimentos. Na sequência, encontram-se quatro trabalhos feitos a partir da vivência dessa intervenção.

Karina Bernardes e Lina Schlachter Castro apresentam seus atendimentos, mostrando que a falta de um *setting* físico para acolher toda a sensorialidade

nesse tipo de encontro pôde ser suprida pelo *setting* interno das analistas, o qual possibilitou a escuta de aspectos inconscientes. Denise Studart Alencar mostra dados e fragmentos da rica vivência e descreve os desafios e obstáculos que enfrentou em sua impactante experiência no Projeto Escuta Solidária e ainda reflete sobre desdobramentos advindos dela para sua história pessoal e sua prática clínica. Denile Thé versa sobre a vivência de intimidade durante a quarentena evidenciada nas escutas pontuais do Projeto Escuta Solidária. Salieta o valor da escuta e aponta as possibilidades de resgate do viver criativo e sobrevivência à situação traumática da pandemia. Encerrando a seção, Ana Valeska Maia Magalhães traz observações sobre a experiência de atendimento no cerne de uma pandemia, sobre as mudanças céleres, os impactos psíquicos do isolamento social, as especificidades de um atendimento pontual no modo remoto e o atravessamento da perda e do luto durante o processo, além de discutir pontos específicos dos atendimentos de Escuta.

Do lugar de editora, compreendo que as múltiplas faces da experiência da pandemia expõem as imensas fragilidades do contexto em que se dão as questões sociais e isso reaviva a extrema necessidade de reflexão sobre a maneira que vivemos. Alude, decisivamente, à precisão de discussão sobre os fenômenos referentes à ciência política como arte de governar e sobre como prover necessidades básicas a todos indistintamente para obter justiça social.

Assim, a segunda parte desse volume, “Cultura, política e teoria psicanalítica” abrange três artigos, dos quais os autores, embora filiados a diferentes escolas ou instituições psicanalíticas, integram um grupo de extensão da SPFOR coordenado por Valton de Miranda Leitão, que estuda as relações entre política e psicanálise.

Nessa seção, inscreve-se Valton de Miranda Leitão com o trabalho “Fundamentos psicanalíticos do autoritarismo jurídico: leitura de *O processo*, de Franz Kafka”, no qual mostra como Kafka desvela as entranhas inconscientes do Poder Judiciário, indicando sua disposição para a corrupção do Direito e sublinhando a impossibilidade da aplicação da Lei como instrumento de justiça. Evidencia, à luz da psicanálise, como a organização esquizoparanoide e o narcisismo grupal tornam distante a aspiração ético-política universalizante, ilustrando com o

delírio paranoico de poder do juiz Schreber, abordado por Freud, na literatura psicanalítica. Em seguida, Mardonio Coelho elucida a questão do sujeito da Psicanálise no laço social contemporâneo, permeado pela lógica neoliberal vigente. O autor utiliza o pensamento de Lacan para esclarecer que o laço social sofre deturpação no capitalismo de tal forma que o sujeito passa a dar valor ao consumo de um bem que termina por anulá-lo como sujeito de linguagem, de desejo, levando ao desaparecimento da civilização construída *por* ele e *para* ele. Finalizando esse tema, Karla Patrícia Holanda Martins discute que a denegação pode ser compreendida, a partir da teoria sobre o trauma de Sándor Ferenczi, como categoria clínica e política a ser tomada para indagar o contexto brasileiro da pandemia da Covid-19. Considera que o regime de negação, no contexto do estado brasileiro atual, torna a pandemia uma ferida na qual toda a série das nossas mais graves catástrofes históricas é atualizada, impedindo o trabalho de luto e gerando vulnerabilidade psíquica.

Após essas duas primeiras seções, surgidas do momento atual, retomamos duas seções que tradicionalmente compõem as páginas da *Reverie* e que contemplam dois temas muito caros à Revista: reflexões sobre arte e psicanálise e sobre clínica psicanalítica.

Na seção “Cultura, arte e psicanálise”, encontramos o artigo de Maria Luiza Pinheiro Coutinho que trata de um ensaio de Walter Benjamin sobre o romance de Goethe, *As afinidades eletivas*, no qual a autora apresenta a crítica de Benjamin a essa obra goetheana. Em seguida, Adriana Augusta Lopes de Araújo Lima, Iolanda Mendes de Oliveira, Marúcia Luna Neri Benevides e Rubia Rejane Lins Carneiro Malzac utilizam a peça *A Gaivota*, de Anton Tchekhov, para discutir o funcionamento narcisista da personagem principal, tendo como referência os conceitos de Freud, Klein, Bion e Green, tais como: narcisismo, angústia de separação, mãe morta, e pulsão de vida e de morte.

Em “Clínica psicanalítica: reflexões”, Lourdes Negreiros traz uma reflexão sobre o caso de abuso sexual de uma criança, mostrando a necessidade de que sejam enfatizadas, pensadas e ponderadas as graves repercussões psicossociais que

podem advir de uma experiência tão catastrófica.

Ainda nessa seção, é apresentada uma discussão de caso clínico, na qual Silvana Rodrigues de Barros traz reflexões teórico-clínicas sobre uma análise em que ressalta os processos de transferência e contratransferência que constituem o espaço de encontro entre a subjetividade do analista e a do paciente. Considera o caso como “paciente de difícil acesso” e fundamenta sua condução em Beth Joseph que se interessou especialmente pelos pacientes difíceis e resistentes à análise. O material clínico recebe comentários de Maria José de Andrade Souza que enfoca aspectos teóricos e técnicos dos chamados “casos difíceis” a partir de alguns autores que estudaram esses casos e de sua própria experiência como psicanalista. Em seguida, o material é comentado também por Maria Haydée Augusto Brito que procura compreender como se dá esse processo analítico em sua singularidade, acompanhando os movimentos que ocorrem entre as integrantes da dupla analítica.

Finalizo essa apresentação agradecendo à contribuição dos autores que foram capazes de refletir e escolheram publicar na *Reverie*, superando esse momento tão difícil, cuja força e caráter inesperado dos acontecimentos tende a causar paralização. Sou grata também a todos que compõem o corpo editorial, especialmente a Lina Schlachter Castro pela imprescindível participação no processo de construção dessa publicação.

É tempo de repensar os caminhos pelos quais anda a Psicanálise. Tempo de criar alternativa ao uso que se faz de tanto conhecimento acumulado sobre a condição humana. Tempo de disseminar mais do que nunca a invenção de Sigmund Freud porque ela traz uma compreensão revolucionária da mente humana e permite tratar dores, por vezes atroz, não atenuadas de outras formas.

Desejo leitura fecunda para todos!

Maria Haydée Augusto Brito